

O MÉTODO E O ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

*Rosa Elane Antoria Lucas¹
Liliane Redu Knuth²*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade problematizar o método de ensino didático pedagógico do ensino de geografia na educação do campo, enfatizando como o trabalho do professor de geografia pode contribuir na construção do conhecimento dos educandos, dando suporte a formação e ao processo de desalienação dos indivíduos.

Apresenta-se como justificativa para tal estudo o pressuposto que há necessidade do educador definir valores que pretende educar, ou seja, situando o homem no espaço social. A Geografia sempre contempla dúvidas, curiosidades e problemas do presente, sendo um componente relevante das ciências sociais, através do emprego das suas ferramentas de análise e focalizando-se na organização espacial, tendo condições de oferecer técnicas particulares de coletas de dados como a observação em campo, mapeamentos que permitem num mundo moderno a sua utilização de forma mais aplicada, até mesmo como norteadora de políticas públicas.

Ouro fator motivador é que a Geografia destaca-se ao possuir uma interface com a História, Português, Matemática, Física, Química, Sociologia, Economia, Política, Antropologia, Biologia, Botânica, Hidrologia, Climatologia, Geologia e com outras Ciências Ambientais.

Nesse sentido os procedimentos metodológicos que norteiam o debate do presente estudo, baseiam-se na metodologia de ensino de alguns educadores como Paulo Freire, Dermeval Saviani, Maria Teresa Nidelcoff, José Carlos Libâneo e outros.

¹ Orientação- Profa. Dra. Rosa Elane Antoria Lucas. Professora do Depto. de Geografia/UFPel.

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia/ Universidade Federal de Pelotas.
E-mail: lilianerekn@yahoo.com.br

2 O MÉTODO DIALÓGICO DE PAULO FREIRE

Para que o ensino de geografia de conta de explicar a realidade na qual o aluno esta inserido é fundamental que o dialogo seja utilizado como um princípio educativo na pratica pedagógica do professor, pois a relação do aluno com o mundo se da a partir de sua realidade que é local. Dessa forma, o aluno já tem uma experiência quando entra na escola, uma leitura de mundo que é própria da criança, que é individual e coletiva e que condiz com as vivencias e a cultura local. Logo se o aluno esta inserido no contexto da realidade do campo, traz consigo inúmeras vivencias e experiências de sua vida prática, que se reflete na escola, cabendo ao professor problematizar os conteúdos a partir da vivência do educando.

É fundamental o entendimento de que o educar dialógico forma uma nova concepção de cidadão na qual o aluno passa a ser sujeito da aprendizagem que ele constrói ao ser colocado constantemente a frente de problemas cotidianos, segundo Freire,

respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento (FREIRE, 2004, p.123).

O mundo se dinamiza a partir das relações do homem com a realidade, que é resultado do estar com ela estar nela, portanto a geografia é um instrumento de analise da realidade, baseando-se no pensar crítico e consciente. Para Freire,

quanto mais se problematizam os educandos como seres no mundo e com o mundo tanto mais se sentiram desafiados (...) precisamente porque capita o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente critica por isto, cada vez mais desalienada (FREIRE, 2000, p.70).

Acredita-se que através da pratica dialógica e problematizadora do professor que o educando desenvolverá a compreensão ampla e contextualizada, permitindo lhe construir e desconstruir a realidade, na medida em que vivencia como sujeito consciente de suas ações, sendo capaz de exercer sua autonomia. Neste processo o professor atua como mediador da ação dialógica, ele propõe situações problema a partir do cotidiano do aluno, promovendo um pensar critico, criativo e autônomo, na qual o aluno e professor são sujeitos no ato de recriar o conhecimento.

Dessa maneira, a escola do campo deve partir de um método de ensino baseado no diálogo, promovendo o desenvolvimento do pensar crítico sobre a totalidade numa constante ação e reflexão do ato de estar com/no mundo, superando a alienação e assumindo como sujeito autônomo e crítico no processo de construção de sua cidadania.

Nesse contexto, o professor precisa optar por uma concepção de tendência pedagógica, ou seja, a progressista. Esta parte de uma análise crítica das realidades sociais que sustentam as finalidades sócio-políticas da educação. É lógico que ela não tem como se institucionalizar numa sociedade capitalista devido ao seu viés de ensino, mas é um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais. Ela evoluiu em três tendências: A Libertadora (pedagogia de Paulo Freire), Libertária e a Crítico social dos conteúdos.

Quanto ao papel da escola ensina, informalmente, partindo da realidade vivenciada, de onde são extraídos os conteúdos de aprendizagem para uma educação crítica. A escola busca a transformação da personalidade dos educandos, no sentido de auto-gestão (libertação) da transformação social, criando grupos de pessoas com princípios educativos e autogestionários, difundindo conteúdos relacionados às realidades sociais, buscando preparar os alunos para o mundo adulto e suas contradições por meio da sociabilização e da participação organizada na democratização da sociedade, preparando-o para o convívio social.

No que diz respeito ao o que ensinar a realidade vivenciada pelos alunos, é transformado em conteúdos. O objetivo é despertar uma nova forma de relação com as experiências de vida de cada um, servindo como complemento as experiências vividas pelo grupo. É a descoberta de respostas às necessidades e as exigências da vida social, em que os conteúdos culturais universais são transformados em *conteúdos de ensino* não bastando esses serem ensinados, é preciso que se ligue a sua significação humano social, sendo reavaliados conforme as realidades e associados as significações sociais e humanas .

No método de ensino, na relação do diálogo, utilizam os trabalhos de grupo (discussões) em que os professores se adaptam as características e ao desenvolvimento de cada grupo. As decisões são tomadas no grupo, ou seja, auto-gestão, os alunos são que decidem o que, e quando vão trabalhar, favorecendo a ligação dos conteúdos com a realidade vivenciada, partindo das experiências dos

mesmos, confrontando com os ensinamentos trazidos de fora. O objetivo é privilegiar a aquisição do saber vinculado às realidades sociais. Neste contexto é preciso que os métodos favoreçam a correspondência dos conteúdos aos interesses dos alunos, estes são propostos como forma de confronto entre a experiência e a explicação do professor, momento do cruzamento entre teoria e prática.

Diante dessa relação o professor fica a serviço do aluno, sem impor suas concepções e idéias, sem transformar o aluno em objeto. É marcada pelo posicionamento do educando e do educador como sujeitos do ato de conhecer, sendo que eles se colocam no mesmo nível, tendo os mesmos direitos e obrigações. O professor serve de conselheiro ou instrutor monitor, respeitando a opinião do aluno, as duas partes participam das discussões dos conteúdos, professor faz as intervenções necessárias para levar o educando a acreditar nas suas possibilidades, olhando o mundo de maneira crítica .

Quanto aos pressupostos de aprendizagem parte de uma situação problema, que é analisado criticamente, dessa forma o que é aprendido e compreendido, refletido e criticado, será emponderado pelo aluno e, conseqüentemente, tornará as pessoas mais livres.

A manifestação na prática escolar segue a inspiração em Paulo Freire, que exerce influências significativas como educador popular, perpassado por quase todas as tendências anti-autoritárias em educação. Visto que, muitos professores têm tentado colocar em prática, os métodos que visam garantir a participação dos alunos no seu processo de democratização, propondo modelos de ensino voltados para a interação conteúdos-realidades sociais, visando avançar em termos de articulação do político com o pedagógico e a educação a serviço da transformação das relações de produção.

3 A PEDAGOGIA COMO PONTO DE PARTIDA PARA PRÁTICA SOCIAL

Saviani defende uma pedagogia articulada com os interesses populares, possuindo métodos de ensino eficazes que favorecem o diálogo entre alunos e professores, sem desvalorizar o diálogo com a cultura historicamente acumulada, levando em conta os interesses dos alunos, o ritmo de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico.

Este método que busca constantemente a vinculação entre educação e sociedade tem como ponto de partida a prática social, o professor e os alunos posicionam-se como agentes sociais diferenciados, que se encontram num nível diferente de compreensão, conhecimento e experiência, mas com o avanço no diálogo consegue-se um nivelamento no conhecimento de ambos.

Para Saviani esse processo parte do seguinte ponto:

a compreensão do professor é sincrética porque implica uma certa articulação dos conhecimentos e experiências [...] a compreensão dos alunos é sincrética uma vez que, por mais conhecimentos e experiências que detenham, sua própria condição de alunos implica uma impossibilidade, no ponto de partida, de articulação da experiência pedagógica na prática social de que participam (SAVIANI, 1999, p.75).

Cabe nesse momento a identificação dos principais problemas postos pela prática social do campo, problematizando-os, para detectar que questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimentos são necessários dominar.

Assim apropriando-se de instrumentos teóricos e práticas necessárias ao equacionamento dos problemas encontrados na educação do campo, através da transmissão direta ou indireta pelo professor, pois esse pode transmiti-los, diretamente, como pode indicar os meios através dos quais a transmissão venha a se efetivar. A instrumentalização dos alunos trata-se da apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam para libertar-se das condições de exploração em que vivem.

Nesse contexto, observa-se a catarse, a elaboração superior da consciência do ser humano. Trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação, onde se tem a

mudança concreta e profunda. A prática social ocorre quando os alunos ascendem ao nível sintético através de uma compreensão orgânica, sendo essencial para compreender a especificidade da ação pedagógica, ou seja, a passagem da síncrese à síntese manifestando nos alunos a capacidade de expressarem um entendimento da prática em termos organizados, da mesma forma como a do professor.

Para Dermeval a educação é “[...] uma atividade que supõe uma heterogeneidade real e uma homogeneidade possível uma desigualdade no ponto de partida e uma igualdade no ponto de chegada (SAVIANI,1999, p.77)”. Nesse contexto o ponto de onde partiu e chegaram o professor e o aluno, não serão os mesmos, pois o modo como se situaram em seu interior, alterou-se, devido a ação pedagógica, que os situou como agentes sociais, elementos objetivamente constitutivos da prática social, alterada qualitativamente.

Assim, para a prática de ensino em Geografia é essencial que o planejamento de ensino e de o aula contemplem as dificuldades gerais e específicas dos alunos, priorizando o conteúdo que tenha valor utilitário para a vida, tanto nas experiências práticas como nas intelectuais, uma educação voltada para a compreensão das mudanças pelas quais o espaço rural vêm passando, tendo como ponto de partida sua realidade sócio-espacial. Uma educação como atividade mediadora da prática social. Tornando-a como ponto de partida e de chegada, desenvolvendo uma concepção dialética, pois no começo ocorrerá uma visão caótica do todo, mas, através, da mediação e análise chega-se a descoberta de novos conhecimentos essenciais a prática social.

Sendo assim, é preciso desenvolver um ensino que busque despertar nos alunos uma postura crítica diante da realidade, cabendo ao ensino de Geografia inseri-los em um mundo onde possam visualizar de forma consciente as relações interdinâmicas que ocorrem na vida cotidiana, compreendendo suas desigualdades e contradições nas relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza.

4 A ESCOLA PARA O POVO E A COOPREENSÃO DA REALIDADE

A escola do campo passa por várias dificuldades no que diz respeito à qualificação dos professores que trabalham no campo, por exemplo, os baixos salários desses profissionais; a falta de incentivo à qualificação continuada; as condições de trabalho; o currículo escolar; o plano de aula e de ensino alheios à realidade do campo; a ausência de investimentos públicos, entre outros, têm prejudicado o ensino no campo. Dessa forma, torna-se necessária a implantação de políticas públicas que contribuam para o desenvolvimento de uma escola no/do campo que viabilize uma educação de qualidade, respeitando os saberes, a cultura e o modo de viver dessa população.

Nesse contexto, pode-se apoiar no trabalho de Nildelcoff (1994) através do estudo exposto nos livros “Uma escola para o povo” e “Escola e a compreensão da realidade” para orientar a educação da escola do campo e o ensino da disciplina de Geografia. Trabalhos que explorem a realidade local do município, particularmente das comunidades rurais.

O trabalho do professor numa perspectiva critica deve atentar-se para a libertação do povo, tomando esse como objetivo central da sua ação educadora, ajudando os alunos a ver o mundo de maneira critica, para que possam, então, assumirem um compromisso diante da realidade.

A prática pedagógica deve partir do estudo do meio, de um estudo das pessoas que o cercam, para depois estender o olhar para meio diferente, dessa forma os alunos poderão tomar consciência dos problemas do nosso tempo e assumir uma postura diante desses. Segundo Maria Tereza,

[...] a ação do professor seja um levar problemas, mais que um fornecer respostas incontestáveis: que as crianças pensem, relacionem fatos, procurem conseqüências discutam, tentem tirar conclusões e achem diferentes respostas para um problema. (NILDELCOFF,1994, p.13).

Faz-se necessário adotar a postura critica transformadora, de professor-povo, contribuindo através de seu trabalho para a criação de homens novos, edificando uma nova sociedade, um professor para modificar e revolucionar através de seu trabalho a sociedade em que vive. Isso ocorrerá se os conteúdos geográficos

adotarem uma postura crítica, mostrando as distorções da realidade que possam estar expressas.

Enfatizando a funcionalidade dos conteúdos como meio de alcançar os objetivos educacionais, estes devem ser apresentados sempre de forma problematizadora, buscando revisar os que apresentarem enfoque ideológico, para que os alunos possam fazer uma correta reflexão sobre o assunto e assumir posicionamento crítico, criativo e atuante, tendo capacidade para assumirem não só a sua própria e permanente formação, mas também a auto avaliação e a auto crítica responsável.

O professor que assume essa postura leva em conta os aspectos sociais no rendimento escolar, dando atenção especial aos alunos com dificuldades, possibilitando que eles aprendam no seu próprio ritmo o máximo possível de acordo com suas capacidades.

Considera-se importante estudar a educação sempre estabelecendo relações com o contexto histórico geral, observando a sincronia existente entre as crises na educação e as no sistema econômico, político e social. Mas esta sincronia não deve ser entendida apenas como algo que ocorre paralelamente na história geral e na história da educação. Na verdade, as questões relativas à educação são engendradas a partir das relações estabelecidas entre os homens para produzirem sua existência.

5 CONSIDERAÇÕES

O estudo da geografia permite localizar o tempo, o espaço e entender as disparidades entre a educação na cidade e no campo. O que traz à necessidade de se trabalhar a realidade do campo levando em conta toda a evolução tecnológica que se instalou na zona rural, as disparidades entre espaço rural e urbano diminuirão, mas cada um deles ainda conserva certas peculiaridades.

O espaço rural permite a criança uma melhor qualidade de vida e um contato direto com a natureza devem-se então valorizar esses aspectos e explorar o potencial do local trazendo o conteúdo da geografia para o mundo do aluno,

fazendo-o perceber-se como parte do sistema, buscando um significado para o aprendizado no âmbito da produção de saberes, a fim de torná-los significativos.

Para o agricultor, a terra tem um valor diferenciado, considerado como meio de subsistência e garantia de autonomia, entendida como bem coletivo, onde a família trabalha de modo coletivo, diferente do que acontece no urbano. Tendo conhecimento desse processo, o professor pode trabalhar a dinâmica produtiva do campo, articulando com o processo de transformação da cadeia produtiva, que inseriu o campo no mundo capitalista, o que vem gerando muitas contradições e conflitos.

O professor deve instigar o aluno a pensar nas questões do campo como, por exemplo, a maneira como historicamente se dá o acesso a terra? Os vínculos estabelecidos pelos camponeses com esse bem? Como as atividades agrícolas foram desenvolvidas no passado? Como foi o processo de modernização? Quem o promoveu e por quê? Qual a valorização que o mercado dá aos produtos agrícolas e a agricultura familiar? Que outras atividades além da agricultura estão sendo desenvolvida no campo, qual a sua importância para a população do campo? Quando o acesso a infra-estrutura de saúde e educação é possível? Fazer uma análise permitindo ao educando criar uma nova consciência, um olhar diferenciado, permitindo ações diferenciadas para problemas que a vida lhes apresentar.

A necessidade de apropriar-se de instrumentos teóricos e para que ocorra uma instrumentalização, trata-se da apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias para que a luta social aconteça, dessa maneira libertando das condições de exploração em que vivem pelos meios de produção.

A educação no campo durante muito tempo foi negligenciada, cabe a nós os professores buscarmos maneiras de ensinar que favoreçam essa as comunidades camponesas, pois a necessidade de se oferecer métodos diferenciados para o aprendizado das crianças do campo, condizendo com a realidade vivenciada por ela e, que possibilitem uma reflexão a respeito da condição social em que estão inseridas.

A importância da geografia como ciência social é fazer a mediação do aluno com a realidade que vivencia, favorecendo a compreensão do meio onde o aluno vive *o campo e a sua comunidade*, indicando caminhos que ajudem o aluno a

compreender o contexto histórico em que se encontram, buscando, assim, a construção de novos saberes que auxiliem não só a autonomia individual como também na construção de uma nova sociedade, menos desigual, preconceituosa e mais solidária.

Na busca constante por igualdade de oportunidade, a prioridade é de oferecer educação de qualidade a população camponesa e a geografia tem o papel de mostrar a realidade de maneira crítica, começando de maneira simples, possibilitando reflexões na busca de um conhecimento holístico da realidade, através de uma visão vertical da realidade, percebendo-a por vários ângulos até chegar a uma nova construção de mundo.

Os movimentos sociais caracterizam a busca da população carente por condições dignas de vida, são muitas vezes marginalizados pela grande mídia que tenta encobrir a situação de exploração e abandono que se encontram. Reforço que essa camada da população poderá ascender novo lugar na sociedade tendo uma educação que vise a prática social como caminho para alcançar o objetivo maior, que é a justiça social.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA nas Escolas do Campo. In: KOLLING, Edgar J.; CERIOLI, Paulo R.; CALDART, Roseli S. (orgs.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, 3 de Abril de 2002. (Coleção Por uma Educação do Campo, nº 4).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Brasil: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos**. Loiola: São Paulo, 1985

_____. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

NILDEF COFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NILDEF COFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce Maria; HEIDRICH, Álvaro. O Ensino de Geografia como uma hermenêutica instauradora. In: REGO, Nelson et al (orgs.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos, geografizando em educação o local e o global.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003, p. 275-310.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** Campinas: Autores Associados, 1999.